

Tema: 1. Director, políticas e teorias organizacionais.

**O DIRECTOR DE ESCOLA, A POLITICA ORGANIZACIONAL ESCOLAR, A
MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E AS EXPLICAÇÕES: UM ESTUDO
DE CASO NA MADEIRA**

Maria Isabel Barreiro RIBEIRO¹ & António Veloso BENTO²

¹Professora Adjunta do Instituto Politécnico de Bragança

Centro de Investigação de Montanha

Campus de S. Apolónia, Apartado 1038

5301-854 Bragança – Portugal

Telefone: 273303310; Fax: 273325405

Email: xilote@ipb.pt

²Professor Auxiliar da Universidade da Madeira

Centro de Investigação em Educação (CIE-UMa)

Campus Universitário da Penteada

9000-390 Funchal - Portugal

Email: bento@uma.pt

VI Simpósio sobre Organização e Gestão Escolar

**A emergência do director da escola: questões políticas e
organizacionais**

25 e 26 de Outubro de 2010

Universidade de Aveiro
Organização do [Departamento de Educação](#)

RESUMO

As políticas organizacionais da escola relacionadas com a prática social e educacional - explicações - podem contrariar a ideia fatalista da incapacidade da escola pública poder proporcionar sucesso educativo aos seus alunos. O Director de escola pode definir e implementar políticas de escola de forma a prestar apoios educativos aos alunos que necessitem e demonstrem interesse em beneficiar da disponibilidade e competências dos professores durante o tempo escolar diário. Este estudo de investigação pretende descrever e analisar a situação que concerne ao mercado paralelo da educação de uma das maiores escolas da Região Autónoma da Madeira inquirindo 413 alunos do 12º ano e entrevistando o seu Director escolar. Resultados preliminares deste estudo indicam que, durante o ensino secundário, um número significativo de estudantes frequentou explicações sobretudo nos dois últimos anos, 44% e 41,9% respectivamente. A Matemática foi a disciplina que fez com que a maioria dos estudantes procurasse este mercado paralelo (87,7%); do total, 68,4% investiram 4 a 6 horas do seu tempo em explicações, chegando a gastar cerca de 70 euros por mês. Por sua vez, o Director escolar indicou que a escola como organização tem de estar atenta a este tipo de alternância educativa, sobretudo nesta fase gerencialista da escola, podendo-se adoptar uma política organizacional adequada de forma a recuperar o estatuto de qualidade educativa que a escola pública outrora teve.

1. INTRODUÇÃO

O fenómeno das explicações define-se, de acordo com Costa, Neto-Mendes & Ventura (2008) como sendo um conjunto alargado de actividades estruturadas desenvolvidas fora da instituição escolar e que tem como objectivo melhorar o desempenho escolar dos alunos. Trata-se de um serviço privado e remunerado que se tem vindo a desenvolver e a expandir de forma notável em todo o mundo, desde os anos 80 do século passado, e que está na opinião de Costa, Ventura & Neto-Mendes (2003) relacionado com a massificação do ensino e com o reforço das políticas educativas.

Segundo Bray (2008) este fenómeno tem, nas últimas décadas, crescido de forma significativa praticamente em todas as regiões do mundo. Na opinião do autor as explicações são impulsionadas por um clima competitivo e por uma crença forte no valor da educação para o progresso económico e social. Desta forma, pretende-se com esta investigação descrever a natureza e a extensão das explicações no último ano do ensino secundário na Região Autónoma da Madeira. Este trabalho de investigação é constituído por 5 secções. Para além desta introdução, a segunda secção apresenta uma breve fundamentação teórica procurando destacar a importância e a extensão do fenómeno das explicações, quer a nível internacional, quer a nível nacional. A terceira secção constitui a parte empírica do trabalho propriamente dita, sendo nela apresentada a metodologia utilizada. Na quarta secção são apresentados os resultados e a sua discussão. Por fim, a quinta secção encerra as conclusões.

2. REVISÃO DA LITERATURA

O fenómeno das explicações tem sido uma realidade crescente em Portugal e não tem merecido, na opinião de Neto-Mendes *et al.* (2003), a devida atenção por parte dos investigadores sociais. Bray (2006) investigou esta temática a nível internacional e considera que este fenómeno, que tem crescido significativamente a nível mundial, é uma actividade na “sombra” por várias razões: a) existe porque o sistema normal existe; b) imita o sistema regular e acompanha-o nas mudanças; c) a atenção pública, em quase todas as sociedades, foca-se no sistema regular e não no sistema “na sombra”; d) as características do fenómeno na sombra são menos distintas que as do sistema regular.

As implicações do fenómeno das explicações são muito significativas quer para a aprendizagem quer para a vida futura de quem as frequenta. Na verdade, existem questões de igualdade de oportunidades que este fenómeno levanta, quer em função das possibilidades económicas das famílias, porque nem todos os pais têm poder económico para os filhos frequentarem as explicações, quer geográficas, já que no interior e nas zonas rurais a oferta das explicações não é a mesma.

Diferentes estudos têm indicado que os factores familiares constituem um forte determinante no uso de actividades extra curriculares, incluindo explicações e aulas

após a escola. De acordo com Lareau (2003) factores familiares moldam os valores dos alunos tendo um papel no desenvolvimento académico dos mesmos. Desta forma, as famílias com maior poder económico têm a possibilidade de aceder a uma maior diversidade de recursos e de qualidade superior. Como consequência os alunos que recebem explicações são capazes de garantir o sucesso escolar e, mais tarde, o sucesso profissional. Ao contrário, alunos de famílias com rendimentos baixos e que não recebem tais serviços não serão capazes de acompanhar os seus colegas acabando muitas vezes por desistir da escola precocemente. Resultados de vários estudos de investigação têm indicado que é muito importante o capital económico, social e cultural dos pais no apoio à escolarização dos seus filhos. Os pais com capital cultural mais elevado são mais capazes de descodificar as práticas e as políticas escolares (Mclaren e Dyck, 2002) citado por Neto-Mendes *et al.* (2003) podendo dar melhor assistência escolar aos filhos. Por outro lado, Sharma (2002) citado por Neto-Mendes *et al.* (2003) concluiu que as explicações para além de melhorarem as classificações dos alunos, nos testes, têm também um efeito motivacional, reduzindo o medo dos exames e aumentando a confiança e a auto-estima.

Este fenómeno enquanto serviço pode concretizar-se nas mais diversas formas: sessões (individuais ou em grupo) na casa do explicador ou na casa do explicando, centros de explicações, grandes turmas, sessões em grandes auditórios, correspondência postal, e-mail, telefone e telemóvel (Bray, 1999, citado por Neto-Mendes *et al.*, 2003). A forma de oferta varia de país para país e dentro de cada país. Segundo Bray (2003) estes serviços podem ser prestados por um explicador a um aluno, muitas vezes nas casas dos explicadores ou dos alunos; no outro extremo podem ser prestados em grandes auditórios com salas servidas com circuito fechado de ecrãs de televisão como acontece em Hong Kong.

As explicações são também um negócio rentável para empresas multinacionais. O sistema *Kumon* do ensino da matemática é um exemplo. *Kumon* é uma multinacional que começou nos anos 50 como uma actividade pai-filho; tem cerca de 3,7 milhões de clientes com *franchise* através do mundo e particularmente no Japão, Coreia do Sul, Estados Unidos, Tailândia, Brasil e Austrália. O método *Kumon* baseia-se em folhas de

exercícios sequenciais que se baseiam na memorização e no progresso gradual. Muitos professores que acreditam mais em métodos de ensino baseados na compreensão têm sido fortes críticos deste sistema (Bray, 2006). Com o avanço das tecnologias as explicações através das *Internet* passaram a ser mais comuns. Num contexto algo diferente, explicadores na Índia prestam estes serviços a alunos nos Estados Unidos. Como descrito por Nanda (2005), os explicadores sentados num cubículo com auscultadores e uma caneta tipo rato dão explicações de matemática sobre o currículo das escolas dos Estados Unidos. Este serviço é prestado através de um *software* chamado *White Board*, suportando voz e texto. O aluno e o professor podem ver-se um ao outro através do computador e podem falar e ouvir-se um ao outro. Os preços mais baixos praticados na Índia e a famosa perícia dos Indianos para a matemática e as ciências tornam esse serviço atraente para os clientes americanos. Em muitos países, os professores dos alunos na escola dão explicações pagas aos seus alunos. Contudo, em países como a Índia, Líbano e Nigéria, é comum os professores darem explicações pagas aos seus próprios alunos, criando por vezes problemas éticos tais como os professores não ensinarem o currículo na escola e obrigarem os seus alunos a frequentarem as suas explicações (Bray, 2003).

Um trabalho de investigação realizado por Neto (2006) centrou-se nas razões que motivam os pais dos alunos a procurarem explicações. A autora concluiu que de todos os graus de ensino é o secundário que mais contém alunos em explicações sendo o agrupamento Científico-Natural que mais procura explicações. No que respeita aos pais dos alunos que procuram explicações são os de maior poder económico e com mais habilitações académicas que mais as procuram para os seus filhos. A principal razão, apontada pelos progenitores, que justifica a procura deste tipo de serviços é a obtenção de classificações que garantam o acesso ao Ensino Superior dos seus descendentes.

Vários estudos encontraram uma correlação positiva entre a frequência das explicações e o sucesso académico. Na Alemanha, Haag (2001) citado por Bray (2006) comparou o sucesso académico de um grupo de estudantes do ensino secundário que tinha recebido explicações com um outro grupo de controlo. Os resultados indicaram que os alunos que tinham recebido explicações melhoraram no nível académico e na motivação.

Similarmente, no Quénia, Buchmann (2002), concluiu que as explicações estavam relacionadas com menos retenção académica e maior progresso académico. Por outro lado, tem sido demonstrado que as explicações mantêm a estratificação social. As famílias mais prósperas podem investir em melhores e mais serviços de explicações do que as famílias com menos possibilidades. Assim sendo, o fenómeno das explicações tem sido apontado por muitos investigadores como um factor que contribui para alargar as diferenças entre o campo e a cidade e nalguns países entre rapazes e raparigas.

3. MÉTODO

Com este trabalho de investigação pretende-se descrever a natureza e extensão das explicações no 12º ano do ensino secundário e as percepções e acções do Conselho Executivo da escola relativamente à extensão deste fenómeno educativo. A abordagem do estudo foi realizada em dois aspectos: a) mediante inquérito, o tipo de investigação que na opinião de Tuckman (2002) é muito frequente no campo da educação e que tem um valor inegável na recolha pontual e massiva de dados; b) mediante uma entrevista a um membro do Conselho Executivo da escola, responsável pela área dos alunos.

Participantes

Participaram neste estudo 413 estudantes que frequentavam o 12º ano, nas escolas secundárias da Região Autónoma da Madeira, no ano lectivo de 2009-2010. Destes, 56,4% são do sexo masculino e 42,1% do sexo feminino (ver gráfico 1). Participou também neste estudo um dos membros do Conselho Executivo através de uma entrevista semi-estruturada.

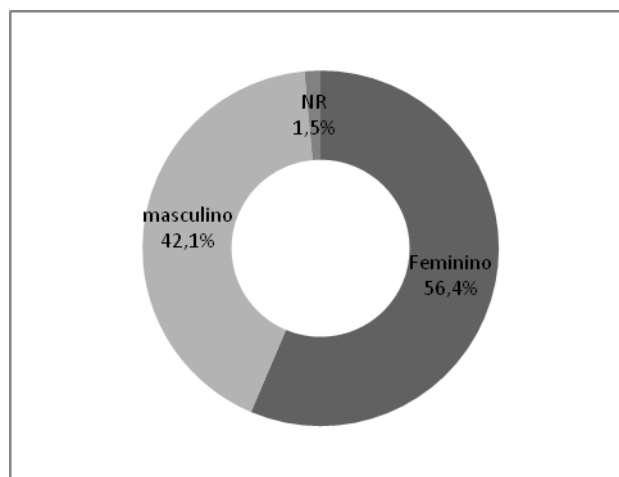


Gráfico 1 – Género dos inquiridos

Tal como se pode ver na tabela 1, estes jovens têm, em média 17,9 anos (DP=0,94) de idade e estão distribuídos por cinco áreas de conhecimento, nomeadamente, Ciências e Tecnologias (48,7%), Línguas e Humanidades (19,4%), Artes Visuais (14,5%), Ciências Socioeconómicas (9,7%) e Tecnologias Informáticas (7,6%) (ver gráfico 2).

Tabela 1 - Medidas de tendência central e de dispersão relativas à idade

N	411
NR	2
Média	17,86
Mediana	18,00
Desvio Padrão	0,943
Mínimo	17
Máximo	23

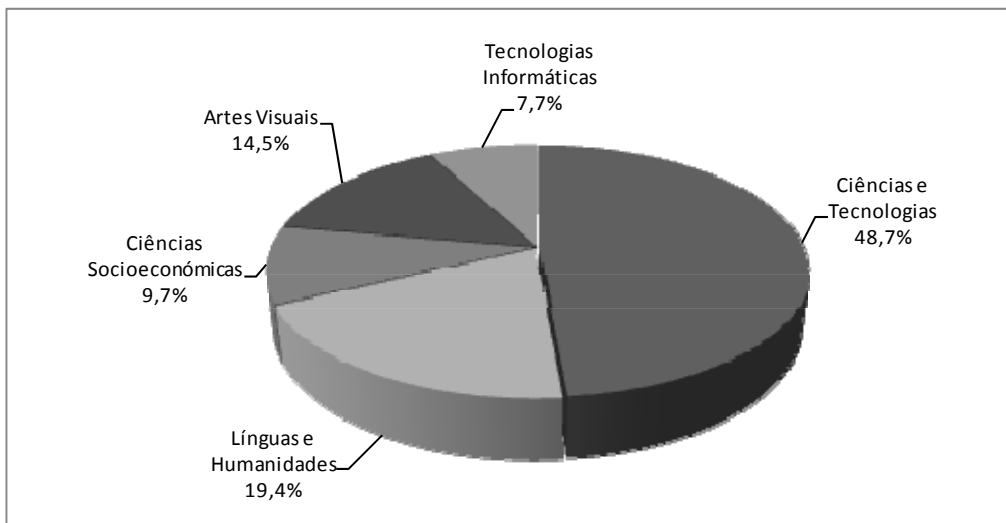


Gráfico 2 - Distribuição dos inquiridos por área do conhecimento

A amostra é constituída na maioria por elementos que residem no Concelho do Funchal (58,6%), seguem-se os concelhos de Santa Cruz (19,9%), Câmara de Lobos (17,9%), Santana (0,7%), São Vicente, Ribeira Brava, Machico e Calheta com igual percentagem (0,5%) e, por fim o Caniço (0,2%) (ver gráfico 3).

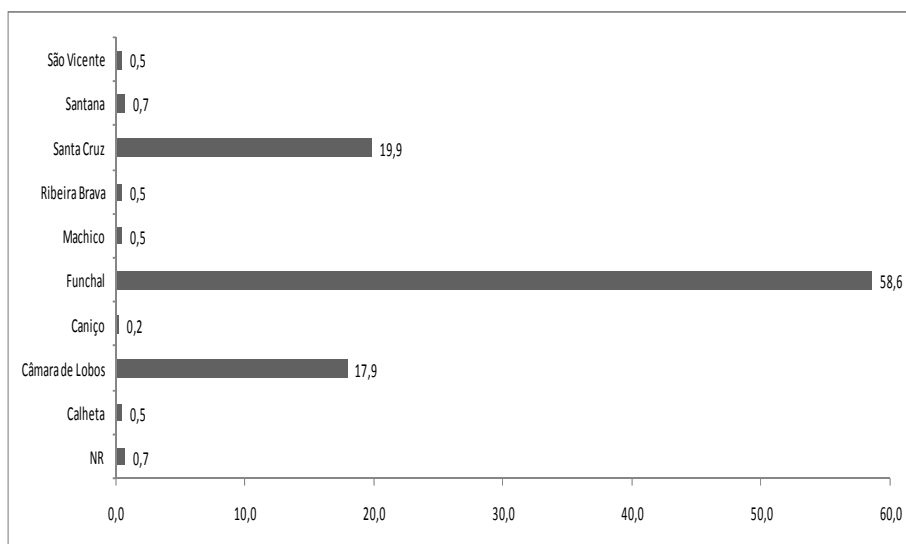


Gráfico 3 – Inquiridos por Concelho de residência

Tendo em conta a escolaridade e a ocupação dos progenitores do inquirido, verifica-se que do total de respondentes, 10,2% dos pais e 15% das mães possuem formação superior. No entanto, como se pode ver no gráfico 4, a percentagem de estudantes (31% pais e 20,4% mães) que provêm de famílias cujo tempo de escolaridade é igual ou inferior a 4 anos é, ainda, muito elevada.

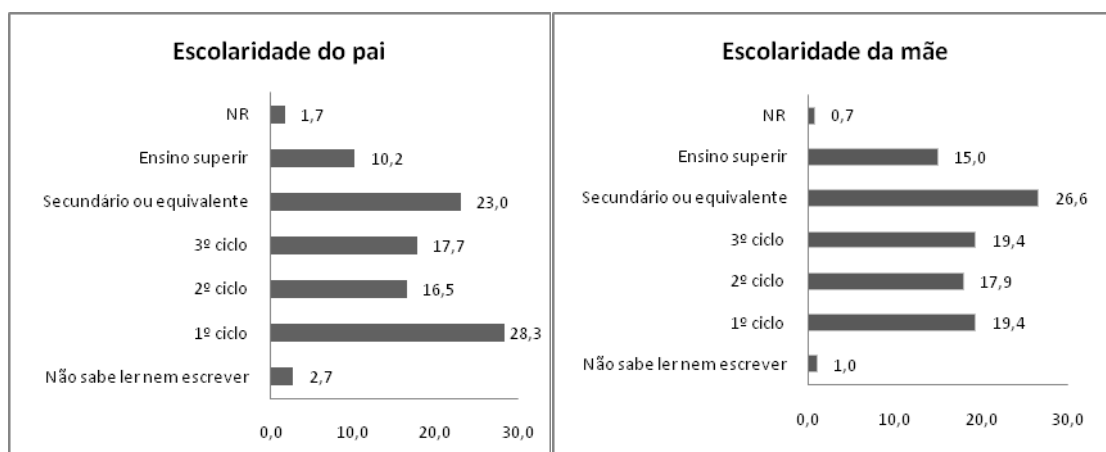


Gráfico 4 – Escolaridade dos progenitores do inquirido

Tal como mostra o gráfico 5, as três profissões mais representativas são para a mãe do inquirido, as profissões liberais, como as empregadas de escritório, comércio e serviços com 30,5%, seguem-se as mães domésticas com 22,3% e com menos de 10% as mães professoras (9%). Já no que diz respeito à profissão dos pais destacam-se os empregados de escritório, comércio e serviços, os trabalhadores por conta própria e os empresários, com 23,2%, 13,3% e 12,8%, respectivamente.

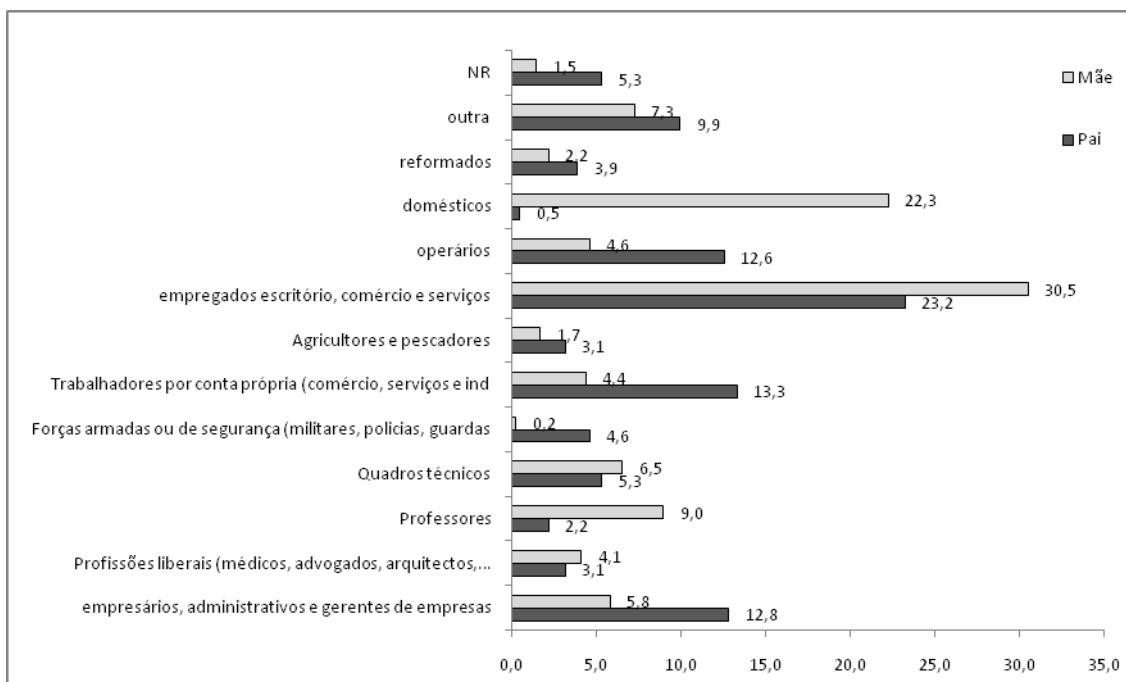


Gráfico 5 – Ocupação profissional dos progenitores do inquirido

Instrumentos

Para a recolha de dados foi utilizado um questionário desenvolvido por Costa, Ventura e Mendes-Neto (2003) que tem vindo a ser aplicado desde o ano de 2002, anualmente, a todos os alunos que se encontram, a terminar o 12º ano de escolaridade, em quatro escolas secundárias de uma região do litoral de Portugal Continental, que os autores denominaram de “Cidade Aquarela”.

O questionário é constituído por 22 perguntas, essencialmente, de resposta fechada ou de escolha múltipla e pode dividir-se em três secções. A primeira inclui questões com as quais se pretende recolher dados de natureza escolar, pessoal, familiar e geográfica do inquirido, designadamente, a turma, a área do curso, a idade, o sexo, a freguesia, o concelho de residência, a escolaridade e a ocupação dos progenitores. A segunda parte incluiu questões sobre o desempenho escolar do inquirido e a frequência de explicações e, por fim, a última parte está relacionada com a intenção do inquirido prosseguir os seus estudos no ensino superior, nomeadamente, se pretende ou não candidatar-se ao ensino superior e qual o curso que gostaria de frequentar. Foi também realizada uma

entrevista semi-estruturada a um dos membros do Conselho Executivo da escola a fim de melhor compreender a possibilidade de medidas organizacionais a nível de escola para reagir a este fenómeno educativo. Foi utilizada também a técnica da entrevista semi-estruturada de modo a recolher dados sobre as percepções do Conselho Executivo relativamente ao fenómeno das explicações e as iniciativas organizacionais da escola.

Procedimentos

Para levar a cabo este estudo foram contactados os docentes das escolas secundárias da Região Autónoma da Madeira que, posteriormente, se disponibilizaram para distribuir e recolher os questionários preenchidos pelos inquiridos em contexto de sala de aula. Antes do preenchimento do questionário os alunos foram informados que a resposta ao questionário era voluntária, confidencial e anónima. O tempo total de preenchimento do questionário foi de cerca de 15 minutos. A recolha de dados realizou-se em Junho do ano lectivo 2009-2010. Para editar e tratar os dados foi utilizado o programa informático SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) versão 16.0. Recorreu-se à estatística descritiva, nomeadamente, ao cálculo de frequências absolutas e relativas sempre que as variáveis eram nominais; e, ao cálculo de medidas de tendência central (média e mediana) e medidas de dispersão (desvio-padrão) sempre que as variáveis eram ordinais ou superiores, designadamente, a idade e o número de reprovações. Para correlacionar os gastos semanais em explicações com a escolaridade e com a ocupação dos progenitores dos inquiridos usou-se o teste da correlação ordinal de *Spearman* uma vez que este é, segundo Pestana e Gageiro (2007) o teste adequado sempre que se pretende relacionar duas variáveis de natureza ordinal ou superior e não existe normalidade dos dados. Por outro lado, para verificar se existe associação entre a pretensão do inquirido se candidatar ao ensino superior e a frequência de explicações; a escolaridade dos pais e a frequência de explicações; a pretensão do inquirido se candidatar ao ensino superior e a escolaridade dos progenitores; aplicou-se o teste do Qui-Quadrado (χ^2) para relacionar duas variáveis nominais. Foi utilizado um nível de significância de 5%. Após termos analisado os resultados dos 413 questionários preenchidos pelos alunos, elaborámos um guião para uma entrevista semi-estruturada a ser conduzida a um dos membros do Conselho Executivo. A entrevista realizada ao membro do Conselho Executivo, responsável pela área dos alunos já está há 13 anos no cargo desta escola que tem cerca

de 2300 alunos (só secundário) e 300 professores. No ano de 2009-2010, frequentavam o 12º ano 736 alunos.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo em conta o desempenho do aluno, verifica-se que 24% dos respondentes já reprovou pelo menos uma vez, o correspondente a 101 estudantes. A percentagem de rapazes que reprovaram é quase o dobro da percentagem de raparigas (ver tabela 2).

Tabela 2 – Inquiridos que já reprovaram por género

Género	Já alguma vez reprovou?				Total	
	Não		Sim		n	%
	n	%	n	%		
Feminino	188	80,7	45	19,3	233	100
Masculino	120	69,0	54	31,0	174	100
Total	308	75,7	99	24,3	413	100

O número de reprovações aumenta significativamente à medida que vai aumentando o grau de escolaridade. O gráfico 6 mostra que do total de respondentes que já reprovou (101) mais de metade (50,5%) ficou retido no secundário, 40,6% no 3º ciclo, 17,8% no 2º ciclo e 11,9% no 1º ciclo.

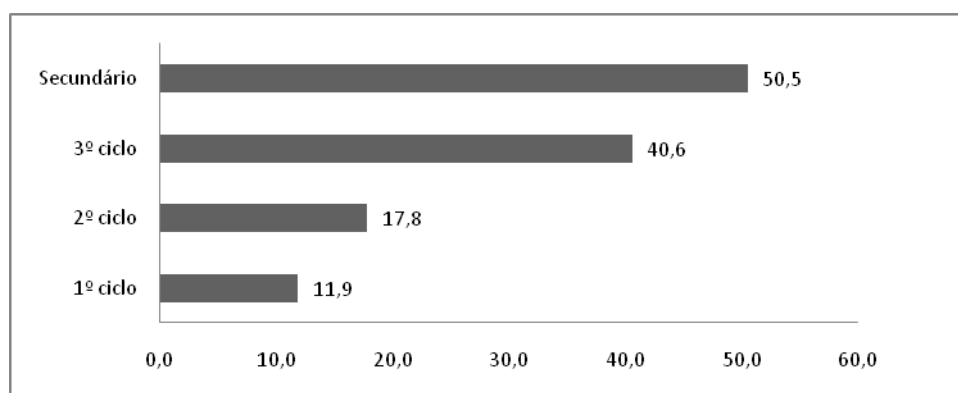


Gráfico 6 – Inquiridos que reprovaram por ciclo (n=101)

Apesar de se registar inferior desempenho nos rapazes, são as raparigas que em maior número frequentam explicações no secundário (ver tabela 3). Essa diferença vai aumentando do 10º para o 12º ano e é mais acentuada no último ano do secundário (9,4%).

Tabela 3 – Inquiridos que frequentaram explicações no secundário por género

Género	Frequência	Explicações		
		10º ano	11º ano	12º ano
Feminino	n	65	108	106
	%	28,1	47	45,9
Masculino	n	49	69	63
	%	28,2	40,1	36,5
Total	n	114	177	169
	%	28,1	44	41,9

Tal como mostra a tabela 4, o local de explicações é por ordem de preferência, independentemente, do ano que frequentam, o centro de explicações (66,7%), o explicador particular (31,4%) e outras formas de receber explicações (1,9%). Estes resultados contrariam os obtidos por Bento (2009). Segundo o autor a maioria dos estudantes teve explicações em casa do explicador. No entanto, de acordo com Costa *et al.* (2008) a utilização dos centros de explicações está a tornar-se bastante difundida, a nível mundial e, pode estar mesmo a tornar-se a forma preferida de acesso a explicações.

É nos dois últimos anos do secundário que se registam as mais elevadas frequências de explicações, 44% e 41,9%, respectivamente. Os mesmos resultados foram obtidos por Bento (2009).

Tabela 4 – Inquiridos que frequentaram explicações no 10º, 11º e 12º e o local das explicações

Frequência de Explicações		Local das explicações			Total (n=413)
		Explicador particular	Centro de explicações	Outro	
10º ano	n	27	59	2	116
	%	30,7	67	2,3	28,1
11º ano	n	37	93	2	179
	%	28	70,5	1,5	44
12º ano	n	50	106	2	171
	%	31,6	67,1	1,3	41,9
Total	%	31,4	66,7	1,9	

Tendo em conta os alunos inscritos por área científica frequentada no secundário, independentemente do ano, verifica-se que são os alunos das Ciências e Tecnologias que mais procuram estes serviços (ver tabela 5). As mesmas conclusões foram retiradas por Neto (2006).

Tabela 5 - Frequência de explicações por área do conhecimento

Áreas do conhecimento	Frequência	Explicações		
		10º ano	11ºano	12º ano
Ciências e Tecnologias	n	72	114	119
	%	36	57,9	60,4
Línguas e Humanidades	n	5	8	4
	%	6,3	10	5
Ciências Socioeconómicas	n	16	24	26
	%	40	60	65
Artes Visuais	n	16	26	15
	%	27,1	44,1	25
Tecnologias Informáticas	n	7	7	7

	%	21,9	21,9	21,9
	n	116	179	171
Total	%	28,2	43,9	41,8

Relacionando as variáveis, progenitores diplomados e a frequência de explicações, no secundário, os resultados que constam da tabela 6, provaram a existência de associação entre a frequência de explicações e o facto dos progenitores serem diplomados. Em todos os anos em análise (10º, 11º e 12º ano) a percentagem de alunos que frequentam explicações cujos progenitores estão habilitados com um curso superior é sempre superior à daqueles cujos pais não detêm formação a nível superior. Estes resultados corroboram os encontrados por Costa *et al.* (2007a) e Costa, Neto-Mendes & Ventura (2008). Os autores concluíram que a frequência de explicações era mais elevada nas escolas que tinham em maior número alunos com pais diplomados. O facto dos pais dos alunos serem ou não diplomados parece ter influência sobre a decisão dos filhos em prosseguir os seus estudos do ensino superior (Costa, *et al.*, 2007b).

Tabela 6 – Inquirido que frequenta explicações tendo em conta a escolaridade dos progenitores

Escolaridade dos progenitores	Frequência explicações (%)		
	10º ano	11º ano	12º ano
Ensino não superior	25,9	40,7	39,6
Ensino superior	39	58,5	52,4
n	116	179	171
<i>p-value</i>	0,004*	0,019*	0,036*

***Existe associação entre as variáveis para nível de significância de 5%**

No 12º ano, a disciplina em que os alunos procuraram mais apoio foi a Matemática (87,7%), seguida, com menos de 10% das respostas, a Química (8,8%), a Geometria descritiva (8,2%), o Português (3,5%), a Física (2,9%), o Inglês (2,3%) e a Economia (0,6%) (ver gráfico 7). Os mesmos resultados embora com percentagens abaixo ou

pouco acima dos 50% foram encontrados por Costa *et al.* (2007a), Ventura *et al.* (2008) e por Bento (2009). A Matemática é a disciplina onde os estudantes têm mais dificuldade. Para Ventura *et al.* (2008) a Matemática é o principal motor do fenómeno das explicações e é claramente a disciplina a que o maior número de alunos tem explicações fora da escola registando-se uma diferença significativa em relação às restantes disciplinas.

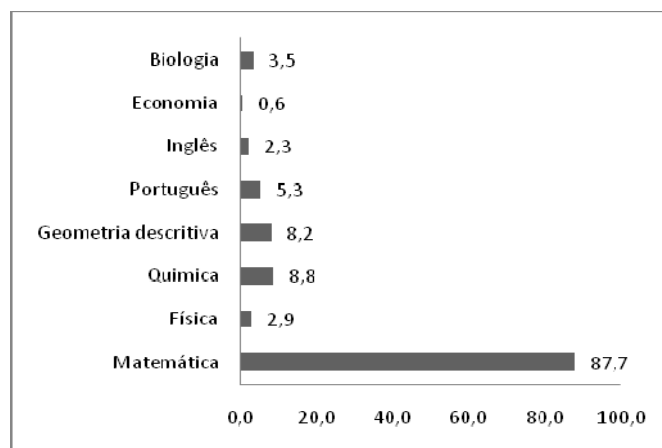


Gráfico 7 – Frequências de explicações no 12º ano por disciplina (n=171)

Relativamente às horas e gastos mensais em explicações, verifica-se pelo gráfico 8, que a maioria dos alunos tem entre 4 a 6 horas (56,7%) de explicações semanais e depende até 70 euros/mês (68,4%).

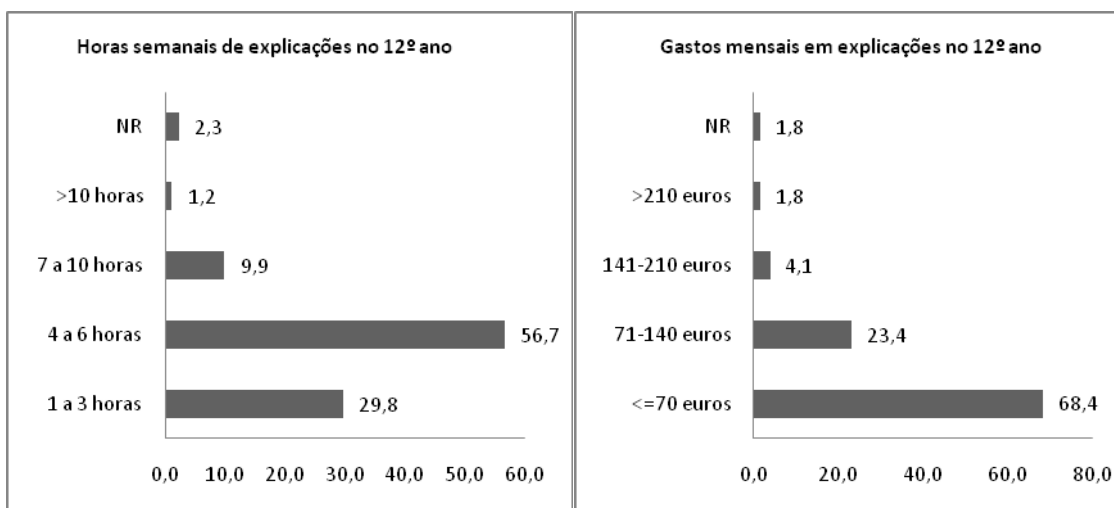


Gráfico 8 – Horas semanais e gastos mensais, em média, na frequências de explicações no 12º ano (n=171)

Tal como mostra a tabela 7 existe uma correlação positiva entre os gastos mensais e a escolaridade do pai e da mãe. Isto significa que quanto maior o nível educacional dos progenitores maiores são os gastos mensais em explicações. Por outro lado, verificou-se existir uma correlação positiva entre os gastos mensais e a categoria profissional do pai. Os gastos são tanto maiores quanto mais elevada for a categoria profissional do pai. Segundo Neto (2006) a procura de explicações é mais elevada por parte dos pais com maior poder económico e com habilitações académicas mais elevadas. Este será porventura o lado mais perverso do fenómeno das explicações. De acordo com Bray (2008) as famílias com rendimentos mais elevados podem assegurar mais e melhores explicações e como o acesso a este tipo de serviço está relacionado com a aprendizagem e com os rendimentos futuros dos alunos, as explicações mantêm e exacerbam desigualdades sociais a longo prazo.

Tabela 7 – Correlação entre os gastos mensais com explicações 12º ano e a escolaridade/ocupação dos progenitores

Escolaridade e ocupação dos progenitores	Gastos em explicações/mês
	<i>p-value</i>
Escolaridade pai	(+) 0,000*
Escolaridade mãe	(+) 0,008*
Ocupação pai	(+) 0,021*
Ocupação mãe	0,426

***Existe correlação entre as variáveis para nível de significância de 5%**

Em relação ao impacto das explicações no desempenho escolar do estudante, pela leitura do gráfico 10 pode concluir-se que 87,7% dos respondentes concordam que o seu desempenho escolar melhorou com a frequência das explicações. Tal como Ventura *et al.* (2008) afirmam os estudantes que recorrem às explicações têm uma opinião muito positiva sobre a instrumentalidade das explicações para incrementar os níveis de sucesso académico. Na opinião de Ventura *et al.* (2008) as despesas assumidas pelas

famílias dos alunos decorre da percepção de que elas efectivamente constituem um bom investimento visto que se traduzem numa melhoria dos resultados.

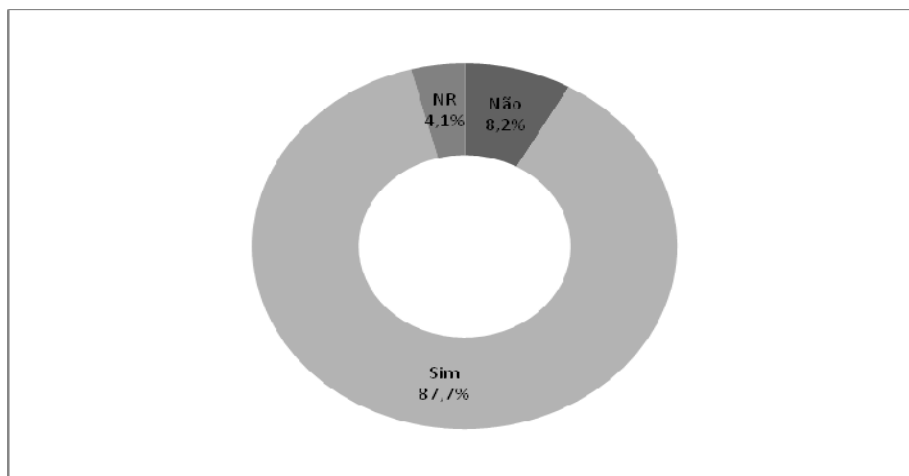


Gráfico 10 – Opinião dos inquiridos sobre a contribuição das explicações para a melhoria dos resultados académicos (n=171)

Aspecto interessante é aquele que se prende com a intenção do inquirido prosseguir os seus estudos após terminar o ensino secundário.

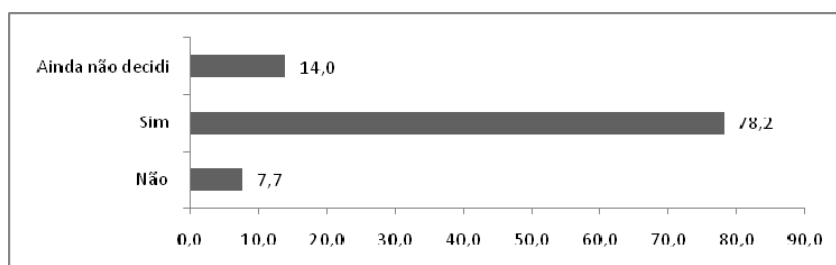


Gráfico 11 – Inquiridos que pretendem candidatar-se ao ensino superior (n=413)

Tal como mostra o gráfico 11 apenas 7,7% dos inquiridos não pretendem candidatar-se ao ensino superior e 14% ainda está indeciso. A esmagadora maioria, cerca de 78%, pretende candidatar-se ao ensino superior. Dento da área/licenciatura que gostariam de cursar destacam-se as Engenharias (18,6%), as Ciências Empresariais (Economia/Gestão/Marketing) e as Ciências da Saúde, especialmente, Enfermagem e Medicina (ver gráfico 12).

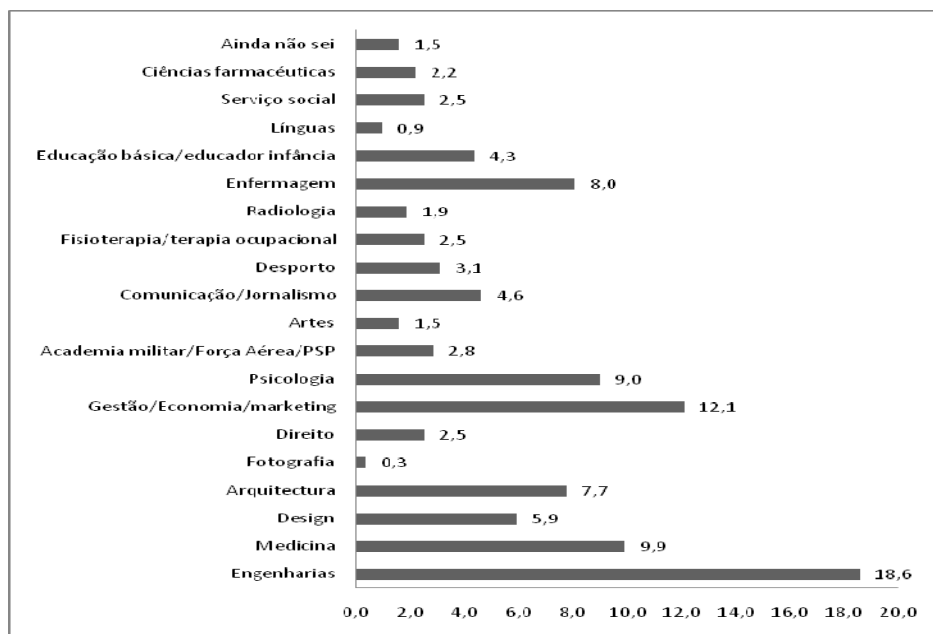


Gráfico 12 – Área do curso que o inquirido pretende frequentar no ensino superior (n=323)

Testando a hipótese da existência de uma relação entre a frequência de explicações e a pretensão do inquirido de se candidatar ao ensino superior (ver tabela 8), os resultados do teste do *Qui-quadrado* provaram existir associação entre estas variáveis pelo que se pode concluir que muitos estudantes frequentam explicações para terem melhor nota de acesso ao ensino superior, não só para garantirem a entrada no ensino superior mas, sobretudo, para garantirem o acesso ao curso da sua preferência (Ventura *et al.*, 2008). Normalmente, os mais prestigiantes como são os casos da medicina, Arquitectura e Direito, que exigem notas de acesso elevadas para um limitado número de vagas. Resultados semelhantes foram encontrados por Neto (2006) e Costa *et al.* (2007a). De acordo com os autores a principal razão que levava à procura de explicações por parte dos estudantes era conseguir obter bons resultados em exames e testes. Ventura *et al.* (2008) provaram a existência de uma associação positiva entre a frequência de explicações e o desejo de prosseguir os estudos após o término do ensino secundário. Na opinião de Bray (2008) as explicações para além de preencherem os espaços vazios de conhecimento e de competências dos alunos mais lentos, aumentando a sua confiança e ajudando-os acompanhar os seus pares, também, podem aumentar os interesses e as capacidades dos alunos que obtêm melhores resultados, permitindo que

estes atinjam níveis superiores de excelência. Neste contexto, Costa, Neto-Mendes & Ventura (2008) argumentam que as famílias usam as explicações como um mecanismo de concorrência e competência para a obtenção de classificações mais elevadas que lhes permitam beneficiar dos lugares mais apetecíveis da oferta educativa de nível superior que envolve, quer as instituições, quer os cursos no seio destas.

Tabela 8 – Relação entre a frequência de explicações e a pretensão de candidatura ao ensino superior

Candidatura Ensino superior	Frequência de explicações					
	10º ano		11º ano		12º ano	
	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim
Não/Não sei	80,7	19,3	74,4	25,6	77,9	22,1
Sim	69,3	30,7	51,1	48,9	52,8	47,2
<i>p-value</i>	0,035*		0,000*		0,000*	

***Existe associação entre as variáveis para nível de significância de 5%**

Ao longo destas últimas décadas assistiu-se, segundo Balsa *et al.* (1997) e Ribeiro (2005), a um processo extensivo de mobilidade ascendente, em termos de qualificações. Efectivamente, existe uma tendência geral para a elevação do nível de estudos alcançados entre duas gerações precedentes. Neste contexto pretendeu-se saber se a escolaridade dos pais está ou não associada à pretensão do inquirido se candidatar ao ensino superior. Os resultados expressos na tabela 9 permitem constatar que a percentagem de alunos que pretendem prosseguir os seus estudos e que têm pelo menos um dos progenitores habilitado com um curso superior (90,2%), é superior à daqueles que não detêm este nível de habilitações (76,3%).

Tabela 9 – Pretensão do inquirido de se candidatar ao ensino superior e a escolaridade dos progenitores

Escolaridade dos Progenitores	Candidatura ES			Total
	Frequência	Não/Ainda não decidi	Sim	
Ensino não superior	n	77	248	325
	%	23,7	76,3	100
Ensino superior	n	8	74	82
	%	9,8	90,2	100
TOTAL	n	85	322	407
	%	20,9	70,1	100
<i>p-value</i>	0,006*			

***Existe associação entre as variáveis para nível de significância de 5%**

Da mesma forma a percentagem dos que não querem prosseguir os estudos/indecisos cujos pais não têm formação superior é muito superior (23,7%) quando comparados com os que não pretendem prosseguir os estudos/indecisos e têm pelo menos um progenitor com formação superior (9,8%). Por outro lado, verificou-se que estas variáveis estavam associadas ($p\text{-value}=0,006$).

O nosso entrevistado reconheceu a extensão do fenómeno quer na escola quer a nível da Região afirmando que “no início do ano, muitos pais pedem e até exigem para os seus filhos horários da manhã para que os alunos frequente as explicações na parte da tarde”. A Gestão da escola, sensível à extensão e iniquidade deste fenómeno na escola, implantou uma medida política organizacional há alguns anos. Afirmou o Vice-Presidente da escola:

“Nesta escola, todos os professores têm no seu horário semanal um bloco de noventa minutos para apoio aos alunos na sua disciplina. Também podem apoiar outros alunos que não seus. Infelizmente, muitos alunos não tiram proveito desta medida e preferem pagar pelas explicações fora da escola”.

No que respeita à regulação das explicações, o Vice-Presidente indicou que esta actividade é muito difícil de controlar e fica a depender muito da ética de cada professor pois esta actividade provoca uma grande injustiça no sistema educativo.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho pretendeu descrever e analisar a natureza do fenómeno das explicações na Região Autónoma da Madeira. Os estudantes inquiridos têm idades compreendidas entre os 17 e os 23 anos. Do total de respondentes, 56,4% são do género feminino e 42,1% são do género masculino. Durante o ensino secundário um número significativo de estudantes frequentou as explicações sobretudo nos últimos dois anos, 44% e 41,9%, respectivamente. A Matemática é a disciplina que faz com que a maioria dos estudantes procure este tipo de serviços (87,7%). Grande parte dos estudantes tem entre a 4 a 6 horas semanais de explicações (68,4%) em centros de explicações (66,7%) e os gastos podem chegar até 70 euros por mês (56,7%). A maioria dos estudantes que recorreu às explicações tem uma opinião positiva (87,7%) acerca deste tipo de serviços.

Relacionando as variáveis, progenitores diplomados e a frequência de explicações, no secundário, os resultados provaram a existência de associação entre a frequência de explicações e o facto dos progenitores serem diplomados do ensino superior. Em todos os anos em análise (10º, 11º e 12º ano) a percentagem de alunos que frequentam explicações cujos progenitores estão habilitados com um curso superior é sempre superior à daqueles cujos pais não detêm formação a nível superior.

Tendo em conta a pretensão do inquirido prosseguir os estudos, os resultados mostram que a esmagadora maioria, cerca de 78%, pretende candidatar-se ao ensino superior. Dento da área/licenciatura que gostariam de cursar destacam-se as Engenharias (18,6%), as Ciências Empresariais (Economia/Gestão/Marketing) e as Ciências da Saúde, especialmente, Enfermagem e Medicina. Por outro lado, verificou-se a existência de associação entre a frequência de explicações no secundário e a pretensão do inquirido em prosseguir os seus estudos pelo que se pode concluir que muitos estudantes frequentam explicações para terem melhor nota de acesso ao ensino superior, não só

para garantirem a entrada no ensino superior mas, sobretudo, para garantirem o acesso ao curso da sua preferência. Finalmente, nesta escola, o Conselho Executivo tomou medidas a nível organizacional de forma a contrariar este fenómeno pela atribuição de um bloco de noventa minutos semanais em cada horário de todos os professores, contudo, reconhece que os alunos não aproveitam ao máximo esta oportunidade e preferem pagar pelas explicações fora da escola.

BIBLIOGRAFIA

- Balsa, C.; Simões, J.; Nunes, P.; Carmo, R.; Campos, R., (2001), Perfil dos Estudantes do Ensino Superior Desigualdades e Diferenciação, Edições Colibri/CEOS, Lisboa.
- Bento, A. (2009). O fenómeno das explicações: políticas educativas, sucesso escolar e seus determinantes – um estudo exploratório na Região Autónoma da Madeira. In L. Rodrigues & J. Brazão (Org.). Políticas Educativas: Discursos e práticas (pp.311-324). Grafimadeira: Funchal.
- Bray, M. (2003). Adverse effects of private supplementary tutoring: dimensions, implications, and government responses. Paris, UNESCO International Institute for Educational Planning.
- Bray, M. (2006). Private supplementary tutoring: comparative perspectives on patterns and implications. Compare, 36 (4): 515-530.
- Bray, M. (2008). As explicações: um fenómeno à escala mundial. In Costa, J., Neto-Mendes, A. & Ventura, A., (2008). Xplika: investigação sobre o mercado das explicações. Aveiro: Universidade de Aveiro. Comissão Editorial.
- Buchman, C. (2002). Getting ahead in Kenya: social capital, shadow education, and achievement. In B. Fuller & E. Hannum (Eds). Schooling and social capital in diverse cultures. JAI Press: Amesterdam, pp. 133-159.
- Costa, J., Neto-Mendes, A., Ventura, A. & Azevedo, S. (2007a). O fenómeno das explicações: aspectos da realidade e do contexto global. Ensaio: ava. pol. públ. edu., 15 (57): 475-488.
- Costa, J., Neto-Mendes, A., Ventura, A., & Azevedo, S. (2007b). A frequência de explicações em Portugal-caracterização de um fenómeno que também “pressiona” a escola. In Actas IV Congresso Luso-Brasileiro da Educação política e Administração/III Congresso Nacional do Fórum Português de Administração

- Educacional. O governo das escolas: os novos referenciais, as práticas e a formação. Lisboa, 12, 13 e 14 de Abril.
- Costa, J., Ventura, A. & Neto-Mendes, A. (2003). As explicações no 12º ano – contributos para o conhecimento de uma actividade na sombra. Revista Portuguesa de Investigação Educacional, 2: 55-68.
- Costa, J., Ventura, A., Neto-Mendes, A. & Azevedo, S. (2008). O mercado das explicações e o franchising. In Costa, J., Neto-Mendes, A. & Ventura, A., (2008). Xplika: investigação sobre o mercado das explicações. Aveiro: Universidade de Aveiro. Comissão Editorial.
- Costa, J.; Neto-Mendes, A., Ventura, A. (2008). O fenómeno das explicações: panorâmica internacional. In Actas do XIV Colóquio da AFIRSE/AIPELF - Para um balanço da investigação em Educação de 1960 a 2005. Teorias e Práticas. Lisboa.
- Costa, J., Neto-Mendes, A. & Ventura, A. (2008). Razões para a frequência de explicações na perspectiva dos alunos: os “novos herdeiros” e o reinvestimento do capital cultural. In Costa, J., Neto-Mendes, A. & Ventura, A., (2008). Xplika: investigação sobre o mercado das explicações. Aveiro: Universidade de Aveiro. Comissão Editorial.
- Lareau, A. (1989). Home advantage: Social class and parental intervention in Elementary Education. London: Falmer
- Nanda, P. (2005). Outsourcing of education is India’s new catch. Disponível em <http://www.newkerala.com/news.php? action=fullnews&id=7177>. [Acedido em 18 de Novembro de 2008].
- Neto-Mendes, A., Costa, J. & Ventura, J. (2003). Ranking de escolas em Portugal: Um estudo exploratório. Revista Iberoamericana sobre Eficacia y Cambio en Educación, 1, (1): 1-13.
- Neto, M. (2006). A procura de explicações: as razões dos pais. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro. Aveiro, Portugal.
- Pestana, M. & Gageiro, J. (2005). Análise de dados para as ciências sociais: a complementariedade do SPSS, 4ª edição revista e aumentada. Lisboa: Edições Sílabo.

- Ribeiro, M. (2005). Construção de um Modelo da Procura para o Ensino Superior Agrário em Portugal. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Tuckman, B. (2002). Manual de investigação em educação. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ventura, A., Costa, J., Neto-Mendes, A., & Azevedo, S. (2008). Dimensão e características da frequência de explicações no 12º ano: do local ao nacional. In Costa, J., Neto-Mendes, A. & Ventura, A., (2008). Xplika: investigação sobre o mercado das explicações. Aveiro: Universidade de Aveiro. Comissão Editorial.